

CARTA SEMANAL

# Brasil: em busca do aumento da produtividade

12 DE JUNHO DE 2026

CANÁRIO DA MINA  
ED. 159

**G5** Partners

[g5partners.com](http://g5partners.com)

Na edição da semana passada de “O Canário da Mina”, abordamos diversos aspectos afetos ao passado, ao presente e ao futuro do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, chamando a atenção para a necessidade de políticas públicas de Estado bem-formuladas que garantam uma trajetória sustentável para o crescimento de nossa economia ao longo das próximas décadas.

Naturalmente, para atingir tal objetivo, será preciso lidar com a questão da baixa produtividade do trabalho no Brasil, um problema crônico e estrutural. Dito isso, nesta semana vamos discorrer brevemente sobre esse ponto, apresentando, inclusive, uma metodologia alternativa que sugere um quadro ainda mais complicado para a questão da baixa produtividade da produção brasileira.

Antes de tudo, é necessário entender a definição de produtividade por hora trabalhada. Em linhas gerais, essa medida busca captar o quanto de produto um trabalhador supostamente consegue gerar para cada hora de trabalho. Ou seja, nada mais é que a divisão do chamado Valor Adicionado a Preços Básicos (VAB) – uma métrica equivalente ao PIB, mas que não leva em conta os impostos e subsídios sobre a produção – pela massa de horas trabalhadas. Em uma situação de ganhos de produtividade, espera-se que cada unidade adicional de hora trabalhada seja responsável por cada vez mais produto; infelizmente, esse não é o caso do Brasil.

Seguindo a metodologia proposta pelo Observatório da Produtividade Regis Bonelli, da Fundação Getulio Vargas (FGV), constatamos que a produtividade por hora habitualmente trabalhada acumulada em quatro trimestres no Brasil está quase estagnada desde 2012 – ela cresceu somente 3,7% até 2025, um resultado muito ruim. Para efeito de comparação, uma medida análoga indica que os

Estados Unidos apresentaram um impressionante ganho de produtividade por hora trabalhada de 23,9% no mesmo período supracitado. Ou seja, ao observarmos os casos de países que apresentam alto grau de desenvolvimento econômico, como os Estados Unidos, fica claro porque o Brasil ainda é um país de renda média com dificuldades de sustentar uma trajetória equilibrada de crescimento.

Também podemos analisar, separadamente, a produtividade dos três grandes grupos de atividade que compõem o PIB: agropecuária, indústria e serviços. Começando por aquele que apresentou o pior desempenho, notamos que a produtividade por hora habitualmente trabalhada acumulada em quatro trimestres no setor de serviços, na verdade, caiu 4,1% entre 2012 e 2025. Considerando-se que esse setor representa, aproximadamente, 60% do PIB brasileiro e concentra grande parte dos empregos do país, a situação fica ainda mais preocupante. O caso da indústria também chama a atenção, visto que a produtividade nesse setor cresceu apenas 3,3% no mesmo período; no entanto, dado o quadro de clara desindustrialização precoce do Brasil desde o início do século, o resultado não surpreende. Por outro lado, o setor agropecuário apresentou uma dinâmica um tanto quanto surpreendente: a produtividade subiu impressionantes 117,6% entre 2012 e 2025. Trata-se, portanto, do único grande grupo de atividade cuja produtividade por hora trabalhada cresceu de forma substancial no período, possivelmente por conta de

elevados investimentos em tecnologia e automatização do plantio, monitoramento, colheita etc.

Contrastar a dinâmica da produtividade dos diferentes setores da economia brasileira é elucidativo, pois mostra como a situação é, na verdade, heterogênea. Essa heterogeneidade persiste quando desagregamos ainda mais os dados, analisando a produtividade de cada atividade nos setores supramencionados. Por exemplo, na indústria existem duas atividades cuja produtividade aumentou de maneira expressiva entre 2012 e 2025: extrativa-mineral (+26,6%) e produção e distribuição de eletricidade, gás e água (+49,6%). Por outro lado, na linha do que comentamos no parágrafo anterior, a produtividade na indústria de transformação caiu 9,2% no mesmo período. Nos serviços, a única atividade que apresentou ganhos de produtividade entre 2012 e 2025 foi a relacionada aos serviços de informação e comunicação (+13,0%). Nesse setor, o destaque negativo ficou por conta dos serviços de transporte e armazenamento, cuja produtividade registrou queda de 22,4% no mesmo período.

Enfim, está relativamente claro que, a despeito de alguns casos de sucesso (se é que podemos chamá-los dessa forma), a trajetória da produtividade do trabalho no Brasil, desde 2012, tem sido preocupante. A questão é que, quando realizamos alguns ajustes metodológicos, a situação parece ainda mais complicada.

Até o momento, tratamos todos os trabalhadores de maneira homogênea para calcular a produtividade, ou seja, a hora trabalhada do trabalhador com certas características tem o mesmo “peso” da hora trabalhada do trabalhador com outras características. A realidade, porém, pode ser bem diferente. Por exemplo, esperamos mais

“qualidade” e “eficiência” de um trabalhador em um cargo de gerência, com pós-graduação e dez anos de experiência do que de uma pessoa em um cargo de entrada que acabou de ingressar no mercado de trabalho. Valendo-se desse pressuposto, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>1</sup>, entre muitos outros autores que já exploraram o tema, propõe a construção de um indicador, intitulado *Composition Adjusted-Labor Input* (CALI), que leve em consideração não somente a quantidade de horas trabalhadas, mas também a qualidade dessas horas. De fato, a própria OCDE chama a atenção para a evidência de que ganhos de produtividade estão mais associados à qualidade do que à quantidade do trabalho.

Para calcular essa medida ajustada de hora trabalhada, é necessário criar estratos que possibilitem agrupar adequadamente trabalhadores com características semelhantes em diferentes grupos – ou seja, estamos levando em consideração a heterogeneidade da força de trabalho brasileira. Seguindo a OCDE, utilizamos como fatores de estratificação características que, muitas vezes, estão relacionadas com a qualidade e a produtividade do trabalho: educação, anos de experiência profissional e tipo de ocupação no trabalho (cargo ou função).

Além disso, é necessário definir um fator de ponderação para a massa de hora trabalhada nos diferentes estratos. No caso, será utilizada uma proxy para a produtividade marginal relativa de cada grupo: a participação de cada um na massa salarial total da economia. Segundo a OCDE, a justificativa para essa medida parte da teoria microeconômica, já que “sob condições específicas [...] certo tipo de trabalho será contratado até o ponto em que o custo de uma unidade adicional de trabalho seja igual à receita adicional gerada por essa unidade de trabalho”.

<sup>1</sup> WARD, Ashley; ZINNI, Belen. **The Composition of Labour Input: Sensitivity Testing and Results for Productivity Analysis**. OECD Statistics Working Papers, 2024/06. Disponível em: [https://www.oecd.org/content/dam/oe.cd/en/publications/reports/2024/08/the-composition-of-labour-input\\_cea11569/5d9b866a-en.pdf](https://www.oecd.org/content/dam/oe.cd/en/publications/reports/2024/08/the-composition-of-labour-input_cea11569/5d9b866a-en.pdf). Acesso em: 12 jun. 2026.

Portanto, quanto maior o produto gerado por determinado grupo de trabalhadores (sua eficiência ou qualidade), teoricamente, sob a hipótese de mercados competitivos, sua participação na massa salarial deveria ser maior. É digno de menção que essa relação pode não ser inteiramente verdadeira, pois outros fatores, como discriminação ou problemas de matching, por exemplo, podem afetar as barganhas salariais. De todo modo, trata-se de uma simplificação válida.

Partindo da metodologia supracitada, nossos resultados sugerem que a massa de horas habitualmente trabalhadas ajustadas pela composição do mercado de trabalho cresceu 40,8% entre o primeiro trimestre de 2012 e o último de 2025 no Brasil. Sem o ajuste, a massa de horas elevou-se somente 13,1% no mesmo período, um resultado consideravelmente inferior. O que isso significa? Basicamente, a diferença entre o crescimento das duas medidas (com e sem ajuste) é uma proxy para a mudança na composição do mercado de trabalho e, por consequência, para a evolução da qualidade da mão de obra ao longo do tempo. Portanto, nossas estimativas sugerem que houve uma melhora significativa na qualidade do trabalho no Brasil (+24,3%) entre 2012 e 2025. De fato, é como se hoje, na comparação com 2012, uma parcela maior das horas de trabalho estivesse concentrada em grupos que apresentam maior remuneração relativa e, portanto, maior qualidade laboral, haja vista a metodologia utilizada.

A partir do parágrafo anterior, depreende-se que, aparentemente, a hora média de trabalho no Brasil em 2025 tem qualidade superior à verificada em 2012; ou, em outras palavras, que a economia brasileira tem a sua disposição mais insumo de trabalho efetivo do que a simples análise das horas brutas sugere. Essa afirmação pode ser interpretada pela ótica do copo meio cheio/meio vazio.

Por um lado, verificamos uma melhora na composição do mercado brasileiro ao longo do tempo, algo positivo. Por outro, quando recalculamos as medidas de produtividade, porém levando em consideração nossa proxy para unidade de trabalho efetivo, e não mais as horas trabalhadas per se, percebemos algo potencialmente preocupante.

Segundo nossos cálculos, quando realizado o ajuste de composição do mercado de trabalho, a produtividade por hora trabalhada acumulada em quatro trimestres não subiu 3,7% entre 2012 e 2025, conforme constatamos anteriormente; na verdade, ela caiu impressionantes 15,4% nesse período. Ou seja, é como se o insumo correspondente ao trabalho efetivo tivesse crescido mais que o próprio produto da economia no período. Esse resultado sugere uma baixa conversão do aumento do trabalho efetivo em valor adicionado.

Resultados similares são encontrados para os três grandes setores do PIB. Quando ajustadas pela evolução da qualidade do trabalho, as produtividades por hora trabalhada acumuladas em quatro trimestres apresentaram as seguintes variações entre 2012 e 2025 para agropecuária, indústria e serviços, respectivamente: +66%, -11% e -20%. Também nesse caso, trata-se de resultados substancialmente inferiores aos verificados quando calculamos as produtividades levando em consideração somente as horas trabalhadas, sem ajuste de composição.

O que tudo isso significa em conjunto? Difícil cravar uma explicação, até porque esses resultados têm que ser interpretados com bastante cautela, dado o caráter experimental da metodologia. Mas, possivelmente, demonstram que a participação do insumo trabalho efetivo na economia brasileira é ainda maior do que se imagina e que, portanto, a produtividade total dos fatores é ainda

menor do que se supõe. Em suma, independentemente da metodologia escolhida (com ou sem ajuste pela composição do mercado de trabalho), a conclusão é semelhante: o Brasil carece de ganhos de produtividade e, sem eles, dificilmente sustentará uma trajetória de crescimento perene e equilibrada no futuro.

## Frase da Semana

*“Brasil é o mais antigo país do futuro em todo o mundo.”*

Millôr Fernandes

| G5 Partners   | 2023  | 2024  | 2025  | 2026  |
|---------------|-------|-------|-------|-------|
| IPCA (%)      | 4,62  | 4,83  | 4,26  | 4,70  |
| SELIC F.P (%) | 11,75 | 12,25 | 15,00 | 14,00 |
| USDBRL        | 4,86  | 6,18  | 5,50  | 5,30  |
| PIB (%)       | 2,90  | 3,40  | 2,30  | 2,10  |

## Sobre O Canário da Mina

---

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.